



## A RUPTURA DA MONARQUIA UNIDA

### Introdução

A Assembleia de Siquém, narrada em 1Reis 12, marca um dos momentos dramáticos da história de Israel: o fim da monarquia unida e o início da cisão entre o Reino do Norte (Israel) e o Reino do Sul (Judá).

Para compreender plenamente a força desse episódio, é indispensável olhar para alguns acontecimentos anteriores, descritos nos livros dos Juízes, Samuel e Reis, que revelam a fragilidade interna da estrutura monárquica e a tensão permanente entre carisma, ambição e poder.

A Bíblia, longe de idealizar esse processo, apresenta com realismo impressionante tanto as grandezas quanto as misérias humanas que conduziram ao rompimento definitivo.

A partir de três episódios paradigmáticos (Abimelec, Isbaal e Adonias) é possível perceber como a Assembleia de Siquém não surgiu de repente, mas foi o desfecho de séculos de tensões acumuladas. Somente à luz desse pano de fundo é possível captar o alcance teológico e histórico do que se passou naquele antigo santuário.

## 1. EPISÓDIOS PREPARATÓRIOS: AMBIÇÃO, INSTABILIDADE E DISPUTA SUCESSÓRIA

A história monárquica de Israel nasceu marcada por ambivalências. A mentalidade tribal, fortemente teocrática, resistia à ideia de um poder centralizado. A própria instituição da monarquia era vista com suspeita: “Este não reinará sobre nós!” (Jz 8,23).

Assim, as narrativas que precederam a unificação mostram que a ambição humana em torno do poder, a tensão entre as tribos e a ausência de consenso sobre a sucessão criaram um terreno instável. Os três episódios a seguir funcionam como um espelho que ilumina a futura ruptura.

### **Abimelec**

Era filho de Gedeão com uma concubina cananeia (cf. Jz 8,31). Parece ser a primeira tentativa de instaurar uma monarquia, mas fundada em violência e legitimidade duvidosa. Ele “reuniu vadios e aventureiros” (Jz 9,4) para matar seus irmãos e impor-se como rei em Siquém. A célebre fábula narrada por Joatão no Monte Garizim denuncia a esterilidade moral do “espinhoeiro” que deseja reinar (cf. Jz 9,7-15). O reinado de Abimelec durou apenas três anos e terminou em tragédia: seu governo foi dissolvido pela revolta popular e sua morte, provocada por uma mó lançada por uma mulher, expondo simbolicamente a inconsistência de sua autoridade (cf. Jz 9,50-54). Aqui aparece pela primeira vez a incapacidade de Siquém de sustentar uma liderança duradoura, tema que ressurgirá dramaticamente em 1Reis 12.

⇒ “O homicida Abimelec, filho bastardo de Gideão, aquele que assassinara os setenta filhos legítimos de seu pai porque julgava ter encontrado um sábio recurso para reter com segurança o reino, tentou triturar os seus colaboradores do crime. Por fim, foram eles que o trituraram: terminou morrendo vítima de uma pedrada, por mãos de uma mulher. Com esse e com outros milhares de exemplos pode-se aprender a falsidade da excelência na sabedoria humana e como o pequeno e humilde é mais do que o grande e elevado”.

Basílio de Cesareia, *Sobre a humildade*.

## **Isbaal/Isboset**

Era filho de Saul, proclamado rei apenas pelas tribos do Norte após a morte do pai (cf. 2Sm 2,8-10). Seu reinado frágil revela o quanto a unidade das tribos era tênue. A rivalidade entre o Norte e o Sul explodiu na batalha de Gabaon (cf. 2Sm 2,17), enquanto Abner, general de Saul, mudou de lado e entregou o reino a Davi (cf. 2Sm 3). A morte de Isbaal por traição, decapitado por Recab e Baana (cf. 2Sm 4), mostra uma sucessão marcada por intrigas, violência e ausência de critérios estáveis.

⇒ *“Recab e Baana, filhos de Remon de Berot assassinaram com dolo a Isbaal, filho de Saul. Quando foram anunciar o feito a Davi e mostrar-lhe a cabeça do seu inimigo, Davi mandou que fossem mortos, dizendo: ‘uns malvados mataram um homem inocente dentro da sua casa, no seu leito’. Na realidade, Isbaal não era justo, mas foi chamado justo porque foi assassinado sem culpa”*  
Jerônimo, *Diálogo contra os pelagianos*, 1,39.

## **Adonias**

Colocou em cena a tensão interna dentro da própria casa de Davi. Adonias, “mimado por seu pai” (1Rs 1,6), tentou antecipar-se à escolha régia e armou uma conspiração envolvendo membros importantes da corte (cf. 1Rs 1,7). A disputa entre os partidos de Adonias e Salomão culminou com a unção de Salomão por ordem de Davi (cf. 1Rs 1,33-35). Mesmo assim, Adonias voltou a conspirar após a morte do pai, tentando tomar para si Abisag, a sunamita (cf. 1Rs 2,13-22), ato que equivaleria a reclamar o trono. Salomão, percebendo o golpe, mandou executá-lo (cf. 1Rs 2,25). Aqui vemos de modo claro que a sucessão em Israel nunca foi uma linha reta: frequentemente os reinos nasciam de conflitos internos.

⇒ *“Alguns repreenderam a Salomão por ter matado a seu irmão. As formas de vida dos homens são diferentes. De fato, alguns praticam a mais alta filosofia, outros a chamada virtude política ou civil; outros administram o reino ou o império. Portanto, é apropriado julgar cada um de acordo com a forma de vida que leva. Dessa forma, não se deve exigir que Salomão uma vida de profeta nem de apóstolo, mas dos reis. Ele sabia que Adonias desejava ter o*

*comando supremo. Por isso, quando foi atacado pela primeira vez, ele o perdoou, prometendo-lhe que estaria seguro se se comportasse com modéstia. Mas depois que ele pediu para ser aliado de seu pai, [Salomão] não o concedeu, porque Adonias abriria caminho para a tirania. Por isso, Salomão ordenou que ele fosse morto a fim de manter a tranquilidade do reino.”*

Teodoreto de Ciro, *Questões sobre 1Rs*, 7

## **2. A ASSEMBLEIA DE SIQUÉM (1RS 12): A FRATURA SE TORNA DEFINITIVA**

Quando Salomão morreu, seu filho Roboão foi aceito como rei pelas tribos do Sul. Contudo, para obter reconhecimento das tribos do Norte, ele precisou ir a Siquém, lugar carregado de memória religiosa e tribal. A escolha do local era significativa: Siquém havia sido centro político na época de Josué, sede de assembleias e renovação da Aliança (cf. Js 24). Agora, voltava a ser palco de uma decisão histórica.

As tribos do Norte apresentaram um pedido concreto: aliviar a carga pesada dos trabalhos forçados (corveia) e reduzir a tributação excessiva imposta por Salomão. Com efeito, o próprio texto bíblico reconhece o peso desse sistema: “O rei Salomão ordenou trabalho imposto a todo Israel. O trabalho imposto envolvia trinta mil homens” (1Rs 5,27). A obra do templo e das construções palacianas havia exaurido o povo.

É nesse contexto de desgaste que surge um episódio decisivo: o encontro do profeta Aías com Jeroboão (1Rs 11,26-40). Jeroboão era então apenas um administrador destacado de Salomão, responsável pela corveia das tribos do Norte. Vendo seu vigor e liderança, o profeta o encontra no caminho, rasga o próprio manto em doze pedaços e lhe entrega dez, simbolizando que Deus arrancaria a maior parte do reino da dinastia de Davi por causa da idolatria de Salomão. Aías adverte que Jeroboão prosperaria somente se permanecesse fiel. Esse gesto profético, ocorrido antes da assembleia de Siquém, revela que a ruptura não foi fruto apenas de política, mas também de juízo divino diante da infidelidade.

Roboão pediu três dias para consultar seus conselheiros. Os anciãos, homens experientes e próximos de Salomão, aconselharam

moderação: “Se hoje te mostrares servo com esse povo e te superes a seu serviço, se atenderes e usares de palavras amigas com eles, serão teus servos para sempre” (1Rs 12,7). Mas os jovens, companheiros de batalhas de Roboão, inflamaram seu orgulho e sugeriram arrogância. O rei rejeitou o conselho dos mais sábios e declarou ao povo: “Meu pai tornou pesado o vosso jugo, mas eu aumentarei esse jugo. Meu pai vos açoitou com chicotes, eu açoitarei com ferrões” (1Rs 12,14).

Diante dessa resposta brutal, as tribos do Norte proclamaram a ruptura com palavras que ecoaram como um manifesto de independência: “Que parte temos com Davi? Não temos herança com o filho de Jessé! Para tuas tendas, Israel! Agora cuida da tua casa, Davi!” (1Rs 12,16).

A partir desse momento, apenas Judá e Benjamim permaneceram com Roboão, formando o Reino de Judá, enquanto as demais tribos instituíram Jeroboão como rei do novo Reino de Israel. A monarquia unida, construída lentamente por Saul, Davi e Salomão, durou menos de um século. A partir daí, duas pequenas nações, politicamente frágeis, mas religiosamente conscientes de sua origem comum, percorreram caminhos distintos, marcados por alianças externas, guerras, profetas e reformas religiosas.

⇒ *“Se recomenda, de modo particular aos homens que presidem algum ofício, a justiça porque a injustiça os destitui e se revolve contra eles. A Escritura nos dá um exemplo nesta passagem [1Rs 12]. Deixado e abandonado pelo povo [Roboão] mal podia manter duas tribos em sua companhia, em consideração aos méritos de Davi.”*

AMBRÓSIO, *Sobre os Ministérios*, 2, 18, 93-94.

⇒ *“Na época de Roboão, o povo foi dividido em um reino de dez tribos sob o comando de Jeroboão e em um reino de duas tribos sob o comando de Roboão. Os que estavam sob Jeroboão eram chamados de Israel; os que estavam sob Roboão, Judá. E essa divisão do povo, se a história servir de referência, se manteve até os dias atuais. De fato, não conhecemos nenhum evento histórico que tenha reunido Israel e Judá ‘em um só reino [Jr 3,18]’. Israel, o Israel de Jeroboão e seus sucessores, pecou primeiro e ainda mais, pecou de tal maneira*

*em comparação com Judá, que foram condenados pela Providência a serem cativos entre os assírios, como diz a Escritura, 'até hoje' [cf. 2Rs 17,23]. Depois disso, os filhos de Judá também pecaram e foram condenados ao cativeiro da Babilônia, não 'até hoje', como Israel, mas por setenta anos, preditos por Jeremias [cf. Jr 25,11] e recordados por Daniel [cf. Dn 9,2]."*

*Orígenes, Homilias sobre Jeremias, 4,1.*

## CONCLUSÃO

A Assembleia de Siquém não foi apenas um acontecimento político, mas um ponto de inflexão espiritual na história bíblica. Ela revela que a unidade de Israel nunca dependeu unicamente de instituições humanas, mas sempre da fidelidade ao Deus da Aliança. Os conflitos que prepararam a divisão (a ambição de Abimelec, a fragilidade de Isbaal, a intriga de Adonias) mostram como o poder, quando não fundamentado na justiça e na obediência ao Senhor, facilmente se corrompe. Roboão, ao desprezar a sabedoria dos anciãos, repetiu os erros de seus antepassados e transformou Siquém, lugar de renovação da Aliança, em palco de ruptura.

Ao mesmo tempo, a narrativa é profundamente pedagógica: lembra que a comunidade do Povo de Deus (seja ela tribal, monárquica ou eclesial) só permanece firme quando escuta a voz da sabedoria, valoriza o serviço, rejeita a tirania e mantém viva a memória da Aliança. Siquém continua sendo um espelho: ali onde Israel um dia reafirmou o "Serviremos ao Senhor" (Js 24,21), mais tarde gritou "Às tuas tendas, Israel!". Entre esses dois clamores, corre a história humana, marcada pela liberdade, pela fragilidade e pela necessidade constante de conversão.

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi

## BIBLIOGRAFIA:

- Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada. Tradução oficial da CNBB*, 6ª ed. (2024), Brasília, CNBB, 2025.
- Bíblia Sagrada Ave Maria. Edição de Estudos*, 3ª ed., São Paulo, Ave Maria, 2012.
- Bíblia. Palavra viva*, São Paulo, Paulus, 2022.
- A Bíblia*, São Paulo, Paulinas, 2023.
- Bíblia do Peregrino*, São Paulo, Paulus, 2002.
- Bíblia. Tradução ecumênica*, São Paulo, Loyola, 1994.
- Nova Vulgata. Bibliorum sacrorum editio*, Editio typica altera, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1998.
- AAVV, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, São Paulo, Loyola – Paulinas – Paulus – Academia Cristã, 2013.
- AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*. Vol. 4: *Josué – Jueces – Rut – 1-2 Samuel*. Madrid, Ciudad Nueva, 2005.
- AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*. Vol. 5: *1-2 Reyes, 1-2 Crônicas, Esdras, Nehemías*. Madrid, Ciudad Nueva, 2005.
- DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*. v.1: *Dos primórdios até a formação do Estado*. São Leopoldo, Sinodal, 1997.
- GIL, J. – DOMÍNGUEZ, J., *Pórtico da Bíblia. Recursos didáticos para compreender a Bíblia: cronologias, mapas e gráficos de cada livro*, Jerusalém, Saxum, 2024.
- HARRINGTON, W., *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*, 7ª ed., São Paulo, Paulus, 2004.
- KONINGS, J., *A Bíblia, sua origem e sua leitura. Introdução ao estudo da Bíblia*, 8ª reimp., Petrópolis, Vozes, 2024.
- LIVERANI, M., *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*, São Paulo, Paulus - Loyola, 2008.
- MEDEIROS, J.M., *Panorama da História da Bíblia*, 8ª ed., São Paulo, Paulus, 2003.
- REINKE, A.D., *Aqueles da Bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino*, Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2021.
- SICRE DÍAZ, J.L., *Introdução ao Antigo Testamento*, 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 2024.

VAUX, R., *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, São Paulo, Teológica, 2003.

VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento. Vol.1*, 2ª ed., Trad. Francisco Catão, São Paulo, Aste-Targumin, 2006.